

O QUE É O BOLCHEVISMO?

Edmilson Marques*

Introdução

Esta é uma pergunta difícil de ser respondida. Difícil por haver diversas interpretações sobre o que é o bolchevismo, distintas algumas vezes. Isso, no entanto, proporciona uma complexidade e uma dificuldade em se compreender o que ele seja de fato. A questão é que o bolchevismo nasce fundado em uma profunda confusão de seu próprio mentor, e, futuramente, de seus epígonos. Estes últimos contribuíram para que se generalizasse essa confusão sobre o seu real significado, até mesmo intelectuais conceituados acabam manifestando uma concepção deturpada do que ele seja. Por este motivo, este texto tem como objetivo fundamental discutir o que é o bolchevismo.

Para isso buscaremos resgatar o seu significado histórico e, assim, contribuir para que se inicie um processo de superação das ilusões que giram em torno do que representou, o seu papel na história do capitalismo e o que representa na atualidade. A clareza em torno de seu significado pode proporcionar aos militantes revolucionários uma ferramenta para que sua luta não perca de vista o seu objetivo fundamental, a emancipação humana, e que não deixe que as ilusões sejam uma barreira para levá-los a caminhos distintos.



Lênin. À esquerda o símbolo que representa o bolchevismo, a foice (faz referência ao campesinato) e o martelo (ao proletariado).

A origem do bolchevismo

A origem do bolchevismo deve-se ao seu mentor e criador, Vladímir Ilitch Ulianov, ou simplesmente Lénine ou Lênin como é mais conhecido. Lênin passou a ser reconhecido por muitos como o “líder da revolução Russa de 1917”, experiência esta que lhe rendeu a insígnia histórica, delegada por seus seguidores, de revolucionário e principal responsável pela efetivação histórica do projeto de sociedade do proletariado. Segundo

* Professor do curso de história da Universidade Estadual de Goiás. Militante do Movimento Autogestionário.

ele, na obra *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*, “o bolchevismo existe como corrente do pensamento político e como partido político desde 1903” (LÊNIN, 1981, p.14).

A origem, portanto, do bolchevismo remete a um projeto de Lênin de se criar um partido de novo tipo, como ele costumava chamar. Esse projeto teve início no final do século XVIII, quando Lênin teve a ideia de elaborar um jornal que atingisse militantes da socialdemocracia “de toda a Rússia”. O jornal, batizado por ele como *Iskra*, seria uma ferramenta para reunir militantes e criar uma força para efetivar o seu projeto¹. Assim, “tendo assegurado a ajuda dos socialdemocratas e criado sólidos pontos de apoio para o futuro jornal, Lênin partiu para o estrangeiro em julho de 1900” (IML, 1984, p. 74).

Lênin buscou apoio em militantes socialdemocratas que residiam na Suíça, que era onde viviam os membros do grupo *Emancipação do Trabalho*, tratando-se de P. Axelrod, Plekhánov, Vera Zassúlitch, A. Potréssov e Martov, os quais se reuniram em Corsier para discutir a proposta de elaboração do jornal². O grupo concordou com a proposta de Lênin e seriam corretores do mesmo. Contudo Plekhánov, que era grande amigo de Lênin, temendo perder espaço concordou com a proposta desde que “o jornal fosse publicado sob a sua direção e que todas as ligações com a Rússia passassem através dele, na Suíça” (*Ibid*, p. 75). Assim, trabalharam juntos na sua elaboração.

Em Outubro de 1900 foi publicada em panfleto separado, a Declaração da Redacção do *Iskra*, escrita por Lênine. Nela sublinhava-se a premente necessidade da fundação de um partido revolucionário, indissolúvelmente ligado ao movimento operário (*Ibid*, p. 76).

O primeiro número do jornal saiu em dezembro de 1900. “O jornal trazia em epígrafe as seguintes palavras, retiradas da resposta dos dezembristas e Púchkin: ‘Da centelha acender-se-á a chama!’”.

O *Iskra* ocupava-se de todas as questões econômicas e políticas actuais, do movimento operário, da situação das massas populares. O jornal começou a publicar-se num momento em que na Rússia crescia o movimento revolucionário, em que nas ruas de Petersburgo, Moscovo, Kíev, Kazán, Tomsk e outras cidades se realizavam grandes manifestações sob a palavra de ordem de “abaixo a autocracia” (*Ibid*, p. 77).

¹ Para mais detalhes deste jornal ver os últimos capítulos de “Que Fazer?” (LÊNIN, 1978).

² Além do jornal, Lênin elaborou conjuntamente uma revista que a nomeou de *Zariá*.

A Rússia passava por um momento de grande efervescência da luta operária. E foi diante deste contexto que Lênin teve a audácia de propor a criação de um partido, que na sua concepção teria o papel de guiar e dirigir a classe operária, contribuindo para que esta efetivasse de fato a revolução. Mas qual era aparentemente o objetivo de Lênin em criar um partido único na Rússia? Neste mesmo panfleto Lênin fez a seguinte declaração:

O grande papel da classe operária da Rússia e do partido: só organizado num partido revolucionário o proletariado podia cumprir a tarefa imediata que lhe cabia – unir sob a sua bandeira todos os elementos democráticos do país e derrubar a autocracia (Apud, *Ibid.* pp. 76-77).

Contudo, foi somente com o II Congresso do Partido Operário Socialdemocrata Russo, que ocorreu entre julho e agosto de 1903, que o projeto de Lênin se efetivou.

A ordem de trabalhos do congresso continha vinte questões, as mais importantes das quais eram o programa do partido, a organização do partido (aprovação do Estatuto do POSDR³) a eleição do Comité Central e da redacção do Órgão Central [...] o congresso decorreu numa encarniçada luta dos *iskristas* consequentes, unidos em torno de Lênine, contra os “economistas”, *bundistas*, *centristas* e *iskristas* inconsequentes, “brandos”, partidários de Martov (*Ibid.*, p. 97).

Apesar das controvérsias de uma minoria Lênin conseguiu neste Congresso aprovar o seu programa político, no qual defendia a ideia de que “a luta pela ditadura do proletariado era colocada como tarefa fundamental do partido da classe operária” (*Ibid.*, p. 98). Neste Congresso as opiniões dos militantes se dividiram basicamente em duas partes, um grupo, a maioria, apresentou concordância com Lênin, e a outra parte, uma minoria concordava com Martov, que discordava da proposta de Lênin de um partido fechado e dirigido com um grupo de dirigentes profissionais. Para Martov:

O proletariado não devia lutar pelo poder enquanto não constituísse a maioria da população do país. Por isso não necessitava de um partido combatente e revolucionário, necessário para garantir a hegemonia da classe operária e a vitória da ditadura do proletariado (*Ibid.*, pp. 100-101).

Finalmente o grupo que se colocou ao lado de Lênin, denominado por eles de revolucionários consequentes, que era a maioria (em russo *bolchinstvó*), passaram a se denominar bolcheviques, tendo Lênin em sua direção. O outro grupo, uma minoria (em

³ Partido Operário Socialdemocrata Russo.

russo *menchinstvó*) passaram a ser denominados de mencheviques. Os bolcheviques, portanto, inauguram uma tendência política, cuja concepção passa a ser denominada de bolchevismo.

Bolchevismo e marxismo

De forma sintética, esta é a origem do bolchevismo. Agora, é preciso aprofundar a análise sobre o que é o bolchevismo, que é onde se encontra o maior problema da história desta concepção. Vimos que o bolchevismo foi criado nos princípios políticos e ideológicos de Lênin. Portanto, para compreender o que ele foi, o que se tornou e as deformações que sofreu, é necessário, primeiramente, compreender os princípios que norteiam a sua existência, que só podem ser compreendidos a partir do próprio pensamento de Lênin.

Lênin (1981, p. 15) afirma que “o bolchevismo surgiu em 1903 fundamentado na mais sólida base da teoria do marxismo”. Sendo o marxismo a referência para o bolchevismo, como ele afirma, é preciso, no entanto, entender o que é o marxismo. Com isso podemos ter elementos suficientes para compreender o que é o bolchevismo.

Uma obra que contribui sobremaneira para compreender o que é o marxismo é *Marxismo e Filosofia* de Karl Korsch⁴. Nesta obra, o autor apresenta um estudo rigoroso da história do marxismo, compreendendo que para este estudo era necessário aplicar o materialismo histórico-dialético ao próprio marxismo. Korsch percebeu que a história do marxismo percorreu três períodos até a atualidade. Segundo ele:

A primeira começa por volta de 1843 (na história das ideias, com a Crítica da Filosofia do direito de Hegel) e chega ao fim com a Revolução de 1848 (na história das ideias, com Manifesto Comunista). A segunda se inicia com a sangrenta repressão ao proletariado parisiense em junho de 1848, seguida pela liquidação de todas as organizações e tendências emancipadoras da classe operária, “numa época de atividade industrial febril, de descalabro moral e de reação política” magistralmente descrita por Marx na Mensagem inaugural de 1864. Estenderemos sua duração até a virada do século porque não se trata, aqui, da história do proletariado em geral, mas da evolução interna da teoria de Marx em suas relações com a história do proletariado e, por isso, deixamos de lado fases de menor importância (fundação e declínio da Primeira

⁴ Outra grande contribuição para compreender o que é o marxismo está na importante análise de VIANA (2007, 2008, 2012).

Internacional; episódio da Comuna; confronto entre lassallianos e marxistas; lei anti-socialista; sindicatos; fundação da Segunda Internacional). A terceira vem dessa época aos nossos dias e se estende até o futuro ainda indeterminado (KORSCH, 2008, pp. 37-38).

O que Korsch conclui é que o marxismo, desde a sua origem, acompanha o movimento revolucionário do proletariado, fazendo deste sua expressão genuína e autêntica. Por isso ele define o marxismo como: “(...) expressão teórica da ação revolucionária do proletariado” (KORSCH, 2008, p. 148). Este estudo de Korsch foi fundamental para observar que durante a sua história, o marxismo sofreu diversas deformações. Isso provocou a emergência de um pseudomarxismo, ou seja, concepções que dizem representar o marxismo, porém, fazem desaparecer os seus princípios fundamentais, ou seja, o de ser expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado. Se esse princípio não é considerado, no entanto, não se trata mais de um marxismo e sim de um falso marxismo.

Marx, portanto, foi o primeiro a organizar teoricamente a luta travada pelo proletariado contra os seus exploradores, como colocou Korsch (2008). Ele representa a fase autêntica do marxismo, e por autêntico, entende-se por ser representante teórico da luta revolucionária do proletariado. O seu principal objetivo era descobrir como a dinâmica da luta de classes no interior do capitalismo poderia levar ao processo que desembocaria na transformação social e instituição de uma sociedade pautada pelo autogoverno dos produtores (MARX, 1986).

Foi por isso que dedicou boa parte de sua vida ao estudo do capitalismo, dando origem a uma das suas mais importantes obras, *O Capital*. Ao demonstrar a transitoriedade do capitalismo, Marx encontrou no proletariado a força transformadora que colocará fim à sociedade de classes e efetivará a emancipação humana. O proletariado é a classe potencialmente revolucionária por ser a única capaz de desenvolver uma consciência revolucionária, no sentido de se efetivar a emancipação humana. Essa consciência, no entanto, é consequência da exploração que sofre nos locais de trabalho, diante da qual consegue superar as ilusões e limites que a burguesia impõe à sua própria consciência. É através da luta que sua consciência avança e pode atingir um caráter revolucionário. Nesse sentido, Marx (2003, p. 53) coloca que “sua luta contra a burguesia começa com sua própria existência”. A grande questão está em como a classe

operária fará a transformação social. Esta questão é de fundamental importância para entender o bolchevismo.

A Comuna de Paris de 1871 se tornou indispensável para compreender esse processo. Ela representa a primeira tentativa da classe operária em efetivar o seu projeto de sociedade. Com a Comuna de Paris, o marxismo dá um passo adiante na luta pela emancipação humana, deixando definitivamente claro que a emancipação do proletariado será obra do próprio proletariado. Isso significa que a sua luta deve estar inteiramente em suas mãos, não delegando a outros esta tarefa. Como o proletariado demonstrou na Comuna de Paris de 1871, o seu primeiro ato histórico deve ser a abolição do Estado e concomitantemente, da propriedade privada dos meios de produção. Ao lado deste ato histórico, é ao proletariado que cabe a organização da sociedade segundo os seus preceitos. Extinguem-se as classes sociais e generalizam-se as organizações operárias (conselhos de fábrica, de bairro, de ensino etc.) que efetivarão o trabalho de reconstrução social sob os princípios da autogestão social.

A partir desta breve análise do marxismo, podemos entender como este concebe a luta do proletariado, bem como o processo que deve percorrer na busca pela transformação social. Agora voltemos ao nosso objetivo inicial, ou seja, o de discutir o que é o bolchevismo. Vimos no início que o bolchevismo é fundamentado no pensamento de Lênin. Mas, como Lênin pensa o processo revolucionário? Pode-se considerar que sua concepção é equivalente ao que defende o marxismo? Com esta discussão vamos nos aproximar da resposta à pergunta colocada no título deste artigo.

Lênin fundamenta sua concepção no marxismo, como colocamos anteriormente. Ele se apropria da ideia de ditadura do proletariado, termo utilizado por Marx em uma carta resposta ao escritor alemão Georg Weydemeyer. Segundo Lênin, na crítica que direciona a Kautsky pelas deformações que realiza do pensamento de Marx, a ditadura do proletariado:

É uma questão da maior importância para todos os países, particularmente para os avançados, particularmente para os beligerantes, particularmente no momento actual. Pode dizer-se sem exageros que é a questão principal de toda a luta de classe proletária (LÊNIN, 1979, p. 13).

Para observar a relação do pensamento de Lênin com o de Marx, no entanto, é preciso entender o que ambas as concepções entendem por ditadura do proletariado. Marx, como foi dito anteriormente, utilizou o termo “ditadura do proletariado” uma vez em uma carta resposta dirigida a Weydemeyer. Weydemeyer havia escrito uma carta a Heinzen⁵ e ela foi publicada em um periódico norte-americano, *The Democrat*, e a resposta de Marx trata desta carta. Vejamos a passagem onde ele se refere à ditadura do proletariado:

E agora, ao que diz respeito a mim, não ostento o título de descobridor da existência das classes na sociedade moderna, e nem mesmo se quer da luta entre elas. Muito antes que eu, os historiadores burgueses haviam descrito o desenvolvimento histórico desta luta de classes, e os economistas burgueses a anatomia econômica das classes. O que eu disse de novo foi demonstrar: 1) que a existência das classes está vinculada unicamente a fases particulares, históricas, do desenvolvimento da produção; 2) que a luta de classes conduz necessariamente à ditadura do proletariado; 3) que esta mesma ditadura só constitui a transição à abolição de todas as classes e a uma sociedade sem classes (MARX, apud IMEL, 1957, p. 47). [grifo do autor]

Engels deixa ainda mais claro o que Marx concebia por ditadura do proletariado no prefácio que escreve para a edição inglesa de 1891 de *A Guerra Civil na França*. Segundo ele:

Ultimamente, as palavras “ditadura do proletariado” voltaram a despertar sagrado terror ao filisteu socialdemocrata. Pois bem, senhores, quereis saber que face tem essa ditadura? Olhai para a Comuna de Paris: eis aí a ditadura do proletariado! (ENGELS, 1986, p. 29).

A ditadura do proletariado, portanto, é reconhecida por Marx, como equivalente ao que ocorreu na Comuna de Paris de 1871, tratando-se do período em que a classe operária atinge o seu objetivo de classe, ou seja, a abolição das classes sociais e a instituição da autogestão social ou, segundo a terminologia de Marx, analisando a Comuna de Paris: “o autogoverno dos produtores”. Não se tratava de um indivíduo ou um grupo de indivíduos que se coloca acima do proletariado, trata-se da própria classe operária em estado de autogoverno da sociedade. Como expressou o próprio Marx

⁵ Karl Heinzen (1809-80), Médico e democrata burguês. Diretor de vários periódicos germanoamericanos. Opositor a Marx e Engels. Pequeno burguês de pouco conhecimento, que sustentava que o poder despótico dos príncipes alemães era a raiz de todo o mal; daqui advinha o seu apelido de “o matador de príncipes”. Considerava a “luta de classes” como uma ideia absurda dos comunistas (Instituto Marx-Engels-Lenin, 1957, p. 47)

(1986, p. 76), “a Comuna era, essencialmente, um governo da classe operária, fruto da luta de classes produtora contra a classe apropriadora, a forma política afinal descoberta para levar a cabo a emancipação econômica do trabalho”. Nesse processo, a abolição do estado se coloca como a primeira tarefa a ser cumprida, já que o estado nada mais é do que uma expressão do poder de determinada classe sobre outra. Para Marx (1986, p. 69) “a classe operária não pode limitar-se simplesmente a se apossar da máquina do Estado tal como se apresenta e servir-se dela para seus próprios fins”. Marx considerava que a missão do proletariado consistia em aniquilar este aparato de Estado e em criar órgãos de gestão totalmente novos (BRICIANER, 1969, p. 163).

Mas, qual seria o objetivo de Lênin em defender a criação de um partido de toda a Rússia? Levar a cabo esse ato histórico do proletariado? Vejamos: o primeiro ponto a destacar é como Lênin concebia a consciência proletária. Ele concorda que a classe revolucionária é o proletariado, assim como já havia sido demonstrado por Marx anteriormente. Lênin, no entanto, concebe a classe operária destituída de uma consciência revolucionária. Ela, por si só, não teria condições de atingir uma consciência revolucionária e efetivar a transformação social. Segundo ele, o máximo que o proletariado pode conseguir chegar é a uma consciência sindical. Para ele,

A história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários etc. (Ibid, p. 24).

É por este motivo que ele coloca ser indispensável educar a classe operária, vejamos suas palavras: “devemos empreender ativamente a educação política da classe operária, trabalhar para desenvolver sua consciência política” (LÊNIN, 1978, p. 45). Na concepção de Lênin, a consciência revolucionária não emerge no interior do proletariado. Ela é conseqüente de fora da própria classe. Segundo ele, “a consciência política de classe não pode ser levada ao operário *senão do exterior*, isto é, do exterior da luta econômica, do exterior da esfera das relações entre operários e patrões” (Ibid, p. 62).

Mas a quem cabe levar esta consciência revolucionária ao proletariado? Segundo ele, a um conjunto de militantes profissionais. A esses militantes cabe a tarefa de ser a vanguarda do movimento operário, uma vez que do capitalismo ao comunismo,

haverá um período de transição denominado por ele de socialismo (LÊNIN, 1970). Esses profissionais são, portanto, detentores de uma consciência revolucionária e a quem cabe o papel histórico de dirigir a classe operária neste período de transição e leva-la a atingir uma posição revolucionária e a segunda fase de sua luta, o comunismo. O partido bolchevique seria, portanto, a reunião destes profissionais e formaria a organização revolucionária que iria dirigir o proletariado, se colocando à frente das decisões e decidindo o caminho a ser seguido.

Esta questão apontada por Lênin destoa radicalmente dos princípios fundamentais do marxismo. É daqui que emerge a profunda confusão em torno do que seja o bolchevismo. Marx já havia chamado a atenção de que “não se julga o indivíduo pela consciência que ele faz de si próprio. É preciso, pelo contrário, explicar esta consciência pelas contradições da vida material” (MARX, 1977, p. 25). É fundamental considerar esta questão, uma vez que Lênin apresenta Marx como a principal referência de seus estudos. Basta dar uma olhada em sua bibliografia para confirmar isso. Marx, às vezes, é citado em exagero. Isso, no entanto, pode confundir leitores precipitados e reforçar a idolatria de militantes de organizações políticas à figura de Lênin. O fato de Lênin citar Marx e afirmar que o utiliza como referência em seus estudos não faz dele um marxista, nem mesmo um militante revolucionário.

Esclarecido este ponto é importante observar que em Marx não há a defesa da necessidade de profissionais para guiarem a classe operária. Marx afirmou categoricamente nos Estatutos da Associação Internacional dos Trabalhadores (2003, p. 107) que “a emancipação da classe operária deverá ser conquistada pela própria classe operária”. Diante de tudo o que já foi apresentado até aqui, chegamos a duas hipóteses fundamentais em torno da concepção de Lênin, e, conseqüentemente daqueles que defendem o bolchevismo: 1) ou ele não compreendeu o pensamento de Marx; b) ou ele utilizou seu pensamento por oportunismo, ou seja, para atender seus próprios interesses em detrimento dos interesses do proletariado.

A primeira hipótese pode ser facilmente descartada, considerando a clareza em que Marx havia exposto os princípios da luta revolucionária do proletariado, principalmente após a Comuna de Paris de 1871, onde foi rasgado de vez o véu que ocultava o papel do Estado na sociedade. E pelo fato de Lênin demonstrar em suas obras

um profundo conhecimento do pensamento de Marx. A segunda hipótese pode se tornar ainda mais clara durante e depois da Revolução Russa de 1917, em que Lênin foi criticado abertamente por diversos militantes que apontavam o seu lado opressor e formador de um novo modo de capitalismo, o capitalismo de estado.

Por isso Lênin pensar e defender com unhas e dentes o centralismo, cujo centro de decisão e organização seria ele próprio e seus auxiliares. Desta forma, a segunda hipótese apontada anteriormente torna-se irônica, uma vez que Lênin defendia que esse centralismo se tratava de uma campanha contra o oportunismo. Segundo Lênin, citado por Rosa Luxemburgo (1991, p. 49), “trata-se de forjar, mediante os parágrafos do estatuto, uma arma mais ou menos afiada contra o oportunismo. Quanto mais profundas forem as origens do oportunismo, tanto mais afiada essa arma precisa ser”.

Herman Gorter (1981, p. 39), em carta direcionada a Lênin, já havia percebido o seu oportunismo, expressando de forma clara: “só posso ver oportunismo em sua atitude”. Um exemplo deste oportunismo foi evidenciado por Gorter ao enfatizar o papel conservador e reacionário dos sindicatos que eram propostos por Lênin - que na Revolução Russa assumiram o papel de impedir o avanço da luta do proletariado, tornando-se um empecilho da autogestão social, um instrumento da burocracia estatal contra os trabalhadores – questão que já havia sido observada pelo próprio Lênin. Mas Gorter ressalta:

Você, companheiro, e a Executiva de Moscou, sabem que os sindicatos representam forças contrarrevolucionárias. É o que se deduz claramente das suas teses. Apesar disso você quer conservá-los. [...] Você próprio afirma em suas teses que as organizações por fábrica devem ser e são nosso objetivo. Apesar disso você quer esmagá-las. Você quer esmagar as organizações nas quais os operários, cada operário, e, em consequência, a massa, podem chegar a ter força e o poder, e quer conservar aquelas onde a massa é um instrumento morto na mão dos dirigentes (Ibid, pp. 43-44).

Finalmente, Gorter chama a atenção de Lênin para o que de fato ele representa para a luta revolucionária do proletariado:

Você, companheiro, pretende levar os socialdemocratas, os independentes e outros ao parlamento e ao governo para mostrar que não passam de empulhadores. Você quer utilizar o parlamento para mostrar que não serve para nada (Ibid, p. 70).

Lênin, no entanto, trabalhava duramente em torno de seus interesses. O partido era a realização do seu maior objetivo, cuja característica era se manter na dianteira do movimento operário, com um chicote em uma mão e um ferro em brasas em outra. Como diz ele próprio:

Sem partido férreo e temperado na luta, sem um partido que goze da confiança de tudo que exista de honrado dentro da classe, sem um partido que saiba tomar o pulso do estado de espírito das massas e influir nele é impossível levar a cabo com êxito essa luta (LÊNIN, 1981, pp. 41-42).

Lênin não escondia o lado opressor e férreo do estado que almejava constituir na Rússia. Não pestanejava em afirmar que concebia a ditadura como “um poder férreo” (LÊNIN, 1980, p. 45). Estava propício a qualquer coisa para defender o seu próprio oportunismo. O partido deveria ser fechado temendo a criação de um contrapoder que pudesse colocá-lo em xeque. A aqueles que caminhassem neste sentido, ou seja, de ser uma barreira e um incômodo, segundo ele próprio: “merecem ser fuzilados” (*Ibid*, p. 174).

Para continuarmos ainda um pouco mais torna-se, no entanto, importante observar que a discussão que realizamos até aqui esclarece uma dúvida e uma confusão existente em torno da relação entre Lênin e Marx e as distorções em torno do bolchevismo e do marxismo. A concepção de ambos, que teve como consequência a sua continuação e aprofundamento por militantes posteriores foi denominada, consecutivamente, de leninismo e marxismo.

O leninismo teve, portanto, em Lênin, e na experiência da Revolução Russa, a sua principal referência. Em 1917 Lênin conseguiu efetivar o seu grande objetivo de um partido de toda a Rússia, partido esse que se denominou partido bolchevique, tendo ele à frente como um exímio ditador. A confusão é que tanto Lênin quanto seus seguidores, se colocam no mesmo plano que o marxismo, como se fossem equivalentes e defendessem os mesmos interesses. Isso provocou uma profunda deformação do bolchevismo e simultaneamente do marxismo. É preciso observar, a partir do que já foi colocado, que são concepções radicalmente distintas.

O marxismo, lembrando Korsch (2008), é a expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado. O leninismo é a expressão ideológica da burocracia, sendo ao mesmo tempo um defensor do capitalismo em sua forma estatal, sendo, ao invés de

uma ditadura do proletariado, como concebido por Marx, defensor e agente de uma nova forma de “ditadura sobre o proletariado” (KORSCH, 2008, p. 107), ou como expressou Makhaïski (1981, p. 141):

A afirmação dos bolcheviques visando a apresentar sua conquista do poder como a ditadura, como a dominação da classe operária, de fato não é mais do que uma das numerosas fábulas que o socialismo inventou ao longo de sua história. [...] uns e outros prometem à classe operária sua dominação, deixando-a nas mesmas condições de servidão e fazendo-a coexistir com a burguesia que possui sempre todas as riquezas.

Isso fica mais claro ainda na própria concepção de Lênin que concebe a ditadura do proletariado como um período em que a luta de classes ainda não tenha sido destruída, mas trata-se de um novo período da luta de classes, como ele afirma: “a ditadura do proletariado não é o fim da luta de classes, mas a sua continuação em novas formas” (LÊNIN, 1974, p. 11). Essa afirmação, por si só, demonstra a enorme distância e discrepância de sua concepção com a teoria do proletariado, cuja expressão mais acabada é o marxismo.

Apesar do ferro em brasas que apontava para seus opositores, não faltaram críticas e combatentes ao filho que Lênin gerou e criou na Rússia, o bolchevismo. Até mesmo seu comparsa na Revolução Russa, Trotsky, através do texto *Nossas Tarefas Políticas*, publicado em 1904, já havia observado que “no esquema de Lênin o Partido substituiria a classe” (TROTSKY, apud 1981, p. 19). Apesar da defesa que Lênin professou da revolução proletária, sua concepção e a experiência que levou a cabo na Revolução Russa através do partido bolchevique denota que este não destoa de outras organizações burocráticas. Mas vejamos com mais detalhes esta questão.

O partido bolchevique

Depois de tudo que foi dito, podemos concluir que o bolchevismo é uma concepção política, uma tendência que emerge no interior da socialdemocracia russa. É consequente da prática do partido bolchevique cuja referência era baseada na concepção de Lênin. Contudo, precisamos ainda discutir o que é o partido bolchevique. Já vimos sobre o processo histórico de sua constituição, referência teórica etc. Precisamos discutir um pouco mais sobre sua prática. Assim, compreenderemos a respeito da concepção

política à qual ele dá origem, o bolchevismo. Para compreender as práticas deste partido, é preciso esclarecer o que são partidos político. Estes:

São organizações burocráticas que visam à conquista do Estado e buscam legitimar esta luta pelo poder através da ideologia da representação e expressam os interesses de uma ou outra classe ou fração de classe existentes (VIANA, 2003, p. 12).

O partido bolchevique era, portanto, uma organização burocrática que trazia em si essas características de um partido, isto é, de se organizar sob o manto da relação entre dirigentes e dirigidos. Internamente haviam aqueles que mandavam e aqueles que deveriam obedecer. O grande mandante era Lênin, que conseguiu reunir em torno de si um conjunto de outros indivíduos que viam no partido uma forma de desfrutar de determinados privilégios em detrimento da classe operária. Esse grupo, tendo Lênin à frente, eram os exploradores e controladores da classe operária russa. O discurso que utilizavam de que representavam a classe operária era apenas uma forma de ocultar a opressão e exploração que exerciam sobre esta classe. Esse partido cultivou:

A ideologia da nulidade operária, considerando os trabalhadores mera força de trabalho que têm que ser “dirigidos”, “organizados” pelo partido. O socialismo de dirigentes e dirigidos não é socialismo, mas autoritarismo burocrático. Mantém o trabalhador da linha de produção ganhando “por produção” e subordinado à chefia, nomeada pelo partido e pelo Estado (TRAGTENBERG, 1988, p. 118).

A ditadura proclamada por Lênin e muito bem realizada pelo partido bolchevique – denominada por ele de socialismo - foi agente do que “Pannekoek denominou de capitalismo de estado” (BRICIANER, 1969, p. 272). Segundo ele, “o que se designava por socialismo de Estado se revolveu como capitalismo de estado sobre a forma política de uma ditadura” (PANNEKOEK, 1973, p. 19). O bolchevismo se configurou de acordo com a concepção de Lênin, que defendia a organização da classe operária por um grupo de profissionais, de intelectuais, que eram portadores de uma consciência revolucionária. O que confunde os seus seguidores e deformou este bolchevismo é que ele não deixou claro que tipo de consciência revolucionária era esta. E isso confundiu por demais militantes políticos após 1917.

Esta consciência revolucionária tratava-se de uma consciência da classe intelectual, ou da *intelligentsia*, como denominou Makháiski (1981), sendo ao mesmo tempo expressão da consciência burguesa. Era uma consciência revolucionária por

colocar abaixo o capitalismo privado, transformando-o em capitalismo de estado. Como colocou Pannekoek (1973, p. 134) “esta burocracia estatal, como uma nova classe dominante, dispõe diretamente do produto, portanto, da mais-valia, ao passo que a classe operária é explorada como assalariada”. A autogestão social certamente não era o objetivo de Lênin, como aponta Arthur Rosenberg (1986, p. 302)

O objetivo devia ser o de fundar, após a queda do tzar, uma república russa sob a forma da “ditadura democrática dos operários e camponeses”. Tal república russa seria também um Estado burguês fundado na propriedade privada burguesa.

O bolchevismo passou a defender, assim, relações estabelecidas sob o manto do capitalismo, fazendo do partido o meio de dirigir os negócios de uma minoria que se organiza em torno de um partido onipotente. Desta forma:

O bolchevismo ligava à direção unipessoal da empresa, por um administrador nomeado pelo Estado, a utilização do método de Taylor de organização do trabalho e o pagamento por produtividade individual. Enfatizava o estudo e o emprego do que, na sua opinião, havia de científico no taylorismo (TRAGTENBERG, 1988, p. 86).

Para usufruírem deste privilégio que a exploração dos trabalhadores poderia lhes oferecer, é que os bolcheviques almejavam o poder de Estado, objetivo que realizaram em 1917 ao tomarem o poder estatal russo. Isso fica mais claro na proposta de Lênin em nacionalizar os bancos russos e não querer a sua abolição. Por isso ele afirmar que “os grandes bancos constituem o ‘aparelhos do Estado’ de que necessitamos para realizar o socialismo” (LÊNIN, 1976, p. 94). Isso lhe daria de fato o dinheiro necessário para viver como um burguês sempre sonhou, mergulhado no vil metal. Daí a importância de defenderem e propagarem a ideologia da representação, questão de fundamental importância para a sobrevivência das organizações burocráticas.

É importante ressaltar que o partido bolchevique, apesar de suas pretensões teóricas revolucionárias, é um órgão burguês, na medida em que é um Estado em miniatura, cuja finalidade é tomar o poder, não destruí-lo (TRAGTENBERG, 1988, p. 115). Isso explica o caminho que seguiu a Revolução Russa, guiada e determinada por seus interesses. A concepção bolchevique, portanto, considera que ao proletariado não cabe outra posição, senão, se convencer de sua ignorância e de que os seus dirigentes estão corretos, mesmo que a direção que dão às coisas seja a manutenção brutal da exploração sobre ela, dito de outra forma:

A Revolução Russa só pode triunfar por que o Partido Bolchevique, como uma unidade fechada e altamente disciplinada, dirigiu as massas, e porque a clara visão e a confiança inquebrantável de Lênin e seus amigos indicaram o caminho correto [...] o que importa são os dirigentes do partido, revolucionários sagazes e experimentados; as massas não precisam mais que o convencimento de que o partido e seus dirigentes têm a razão (PANNEKOEK, 1973, p. 134).

O partido bolchevique, para proteger o seu interesse de manter em suas mãos o estado e a direção da classe operária, defendia que a autonomia da classe operária deveria ser combatida. Permitir que a classe operária seguisse seu próprio rumo e tomasse em suas mãos a organização de sua luta, era o maior perigo para o partido, pois este poderia ser destruído, assim como seus privilégios e o poder que tanto almejava. Por isso deveriam lutar para manter a classe operária sob o seu controle. Segundo Tragtenberg (1988, p. 82): “é que o Partido Bolchevique queria não só o monopólio da revolução, mas também o poder em seus vários níveis, para aniquilar uma revolução que seguia uma via autônoma”.

Considerações Finais

Considerando, portanto, a discussão realizada inicialmente, podemos concluir que o bolchevismo é uma concepção burocrática pautada na prática e na ideologia da representação, e se fundamenta na concepção leninista e na prática do partido bolchevique na Rússia. Esta concepção não considera a tarefa histórica do proletariado como agente da transformação social, e delegam esta a um grupo de burocratas que se organizam em torno do Estado, aos quais cabe a tarefa de dirigir este processo. Nesta concepção nega-se a autonomia da classe trabalhadora em detrimento do dirigismo do partido e de outras organizações burocráticas, a exemplo dos sindicatos.

Para o bolchevismo, a revolução só pode ser alcançada através do poder estatal. Nesse sentido, nega-se a sua destruição e defende-se a submissão do proletariado às suas ordens. Esta concepção assume, portanto, a defesa de uma sociedade dividida em classes sociais, a manutenção da relação dirigentes-dirigidos. Não há espaço nesta concepção para a emancipação humana. Esta, pelo contrário, é convertida em emancipação do partido que assume o poder do estado e não

emancipação da humanidade, cujo pressuposto é a abolição do capitalismo e de seu mantenedor, o estado.

O bolchevismo, portanto, do ponto de vista do proletariado, é uma concepção a ser combatida. É um entrave para o avanço da luta revolucionária, e como tal, se colocará como um empecilho para a autogestão social, uma vez que em um processo revolucionário pode querer dirigir a classe operária. E neste processo a classe operária terá que esmagá-la e destruí-la.

É preciso deixar claro, portanto, que bolchevismo não é o mesmo que marxismo. São concepções radicalmente diferentes. Os termos *marxismo-leninismo*, *marxismo-bolchevique*, *socialismo de estado* ou algo semelhante são nada mais do que frutos de uma confusão e de concepções deturpadas sobre o que é o marxismo e o que é o bolchevismo. Alguns podem dizer que o bolchevismo rompeu ou que abandonou algumas teses do marxismo. Pannekoek (1973, p. 128), neste sentido é muito claro: “O bolchevismo russo não pode abandonar o caminho do marxismo, pois nunca foi marxista”. Em síntese, a luta pela transformação social pressupõe também a superação desta ideologia, o aprofundamento e desenvolvimento do marxismo e o combate ao bolchevismo.

Referências

- BRICIANER, Serge. *Anton Pannekoek y los consejos obreros*. Paris: Schapire, 1969.
- ENGELS, F. *Prefácio*. In: MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Global, 1986.
- GORTER, Herman. *Carta aberta ao companheiro Lênin (1920)*. In: TRAGTENBERG, IML – Instituto de Marxismo-Leninismo. *Lênine: biografia*. Lisboa: Avante, 1984.
- IMEL – Instituto Marx-Engels-Lenin. *Correspondência*. Buenos Aires: Cartago, 1957.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- LÊNIN, V. L. *A Democracia Socialista Soviética*. Moscovo-URSS: Progresso, 1980.
- _____. *A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky*. Lisboa: Avante, 1979.
- _____. *Como Iludir o Povo*. Coimbra: Centelha, 1974.
- _____. *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*. São Paulo: Global, 1981.

- _____. *O Controle Operário e a Nacionalização da Indústria*. São Paulo: Estampa, 1976.
- _____. *Que Fazer?*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- LUXEMBURGO, Rosa. *A Revolução Russa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991.
- MAKHAÏSKI, Jan Wacław. *A Revolução Operária (1918)*. In: TRAGTENBERG, Maurício. *Marxismo Heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Global, 1986.
- _____. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- _____. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- _____. *Estatuto da Associação Internacional dos Trabalhadores*. In: MARX e Engels. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- PANNEKOEK, Anton. *Lenin Filósofo*. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1973.
- ROSENBERG, Arthur. *Democracia e Socialismo*. São Paulo: Global, 1986.
- TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Atual, 1988.
- _____, Maurício. *Marxismo Heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- TROTSKY, Leon. *Política*. São Paulo: Ática, 1981.
- VIANA, Nildo. *Karl Korsch e a Concepção Materialista da História*. Florianópolis: Bookess, 2012.
- _____. *O que é Marxismo?*. Rio de Janeiro: Elo, 2008.
- _____. *O Que São Partidos Políticos?*. Goiânia: Germinal, 2003.
- _____. *Um Marxismo Vivo*. Porto Alegre: Barba Ruiva, 2007.